

AS MÚLTIPLAS DESIGUALDADES DO “SER” MULHER E NEGRA: ESTUDO SOBRE CASOS DE IN (VISIBILIDADE) NA MÍDIA BRASILEIRA

Sabrina Silva de Carvalho¹, Vitória Kamilly Gomes da Silva², Pâmela Cristina Lopes de Souza²

¹ Professora de Sociologia do IFTO, campus Porto Nacional. e-mail: <sabrina.carvalho@ifto.edu.br>

² Aluna do Ensino Médio integrado ao Meio Ambiente do IFTO, campus Porto Nacional . e-mail: <vitoriag803@gmail.com >

² Aluna do Ensino Médio integrado ao Meio Ambiente do IFTO, campus Porto Nacional : <pamela@ifto.edu.br>

Resumo: A questão da desigualdade no Brasil é tema de constante reflexão em diversas áreas científicas, mas para além da ciência a prática da desigualdade é constante e merece políticas públicas de atenção e erradicação desse problema em diversas vertentes, tais como: econômica, social, racial e de gênero. Pautando-se na questão gênero, raça e desigualdade, este artigo tem o objetivo de analisar três casos envolvendo racismo com mulheres influentes no cenário midiático que foi propagado nas redes sociais e , principalmente, na televisão. Em que medida a mídia ou as redes sociais podem ser importantes para que ocorra uma possível transição entre a invisibilidade e visibilidade da mulher negra? Esse texto foi desenvolvido levando em consideração a teoria da filósofa e militante: Djamila Ribeiro como fundamento teórico para a análise dos casos: Tite, filha adotiva do casal de atores Giovanna e Bruno Gagliasso que foi vítima do racismo, a situação de injúria racial sofrida pela Tais Araújo no perfil dela no Facebook e os comentários racistas para com a Monalysa Alcântara, negra e vencedora do Miss Brasil 2017. A repercussão nacional, a série de comentários racistas, as ações judiciais movidas por envolvidos nestes casos parecem permitir uma dualidade entre o racismo velado e o racismo midiático, embora ambos sejam reflexo da desigualdade, é importante ressaltar que o segundo é extremamente importante para tomadas de decisões, sobretudo, das que visam a dignidade da mulher, negra e brasileira. Embora, esses relatos tenham sido de pessoas socialmente influentes, é necessário discutir constantemente no ambiente educacional para que meninas, jovens, mulheres tenham consciência das suas ferramentas na luta contra o racismo e a desigualdade de gênero.

Palavras-chave: Desigualdade, mulher, racismo, redes sociais.

1 INTRODUÇÃO

Segundo Coletivo Nísia Flores (2016), a mulher negra enquanto sujeito de direitos é invisibilizada e oprimida nos meios de comunicação. Geralmente é retratada por atos, comentários, publicações midiáticas e principalmente pela fala de pessoas machistas como objeto sexual, ou como vítima ou protagonista de delitos e de crimes, minimizando o seu conhecimento e seu verdadeiro valor diante da sociedade. E essa negativa representação tem influência histórica devido ao processo de colonização no Brasil, visto que negros e indígenas foram escravizados por portugueses.

Consequência desse contexto, é a desigualdade social por exemplo, atinge principalmente a população negra, dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) apontam que em 2014, 76% dos mais pobres do Brasil são negros; e mais de 50% da população é negra. Infelizmente, no Brasil as principais vítimas do feminicídio são negras, tais dados só confirmam o que muitos tentam esconder, a questão dos negros no Brasil,

principalmente das mulheres, ainda necessita de ações políticas e tomada de consciência para diminuir essas diferenças sociais.

A invisibilidade da mulher, principalmente, negra tanto na sociedade quanto na mídia é um assunto que deveria ser discutido com mais seriedade pela população, de acordo com Coletiva Nisia Flores (2016), percebe - se que um exemplo óbvio da falta de visibilidade diz respeito aos números de violência contra as mulheres no Brasil: embora tenha havido um declínio no número de casos de feminicídios com mulheres brancas, ainda hoje as mulheres negras são as principais atingidas, e não se vê a mídia alarmada abordando esse tema. O assassinato de mulheres negras aumentou (54%) enquanto o de brancas diminuiu (9,8%). (Fonte: Mapa da Violência 2015), é difícil ver isso e saber que nem a metade desses casos chegam a polícia, ou a algum jornal.

Essa situação muda quando o racismo ou a violência (não só física) chega a vida ou as redes sociais de pessoas influentes. O que a escritora Djamila Ribeiro descreve em seu texto “Brasil: Onde racistas só se surpreendem com o racismo dos outros” como a população é hipócrita a se solidarizar com o racismo que passa na TV mas no dia a dia cruza a rua ao ver um negro vindo em sua direção por associar a sua cor de pele ao crime ou a violência.

A cada dia fica mais evidente como o racismo e a violência contra mulheres negras mesmo que os números apontam o quão grave isso é muitas pessoas ainda ignoram essa realidade; de modo que a mídia não relata todos os casos até porque seria impossível, com dados apontados por uma pesquisa feita pelo programa da Globo o Fantástico, 82% dos negros já ouviram alguma frase racista pelo menos uma vez, o que só comprova o quanto a problemática se agrava a cada dia. Dizer que uma menina negra é escrava, ou chamar seu cabelo crespo de Bombril por mais comum que seja em uma sociedade racista não deixa de ser preconceito, e preconceito é crime. Como dito por Djamila Ribeiro “Não dá para ter indignação seletiva, se revoltar com o que aconteceu com a jornalista e se calar quando é com o porteiro, com o menino da periferia. ”

Dessa forma, o presente estudo tem por objetivo analisar como a mídia, principalmente a televisiva, só retrata atos de racismo quando cometidos a pessoas influentes, enquanto todos os dias a todo momento pessoas negras principalmente mulheres são vítimas desses atos deploráveis. A população feminina precisa de voz, a negra mais ainda, então que seja dada a voz aos negros e as mulheres para que assim possamos ouvir de quem realmente tem o que falar.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

A invisibilidade da mulher na sociedade tem sido contínua nessa sociedade patriarcal, entretanto, a cada dia que passa mais mulheres abrem os olhos e enxergam o quanto essa realidade é cruel, ser discriminada pelo simples fato de ser mulher, por décadas fomos rotuladas como incapaz de fazer qualquer coisa que não fosse o serviço de casa, lavar, passar, cozinhar, cuidar do filhos etc. Segundo Tedeschi (2006), Vivemos num mundo em que não existem igualdades de oportunidades para mulheres e homens. Ainda que em países como o nosso esta igualdade está colocada juridicamente desde muitos anos atrás, ideais impostos por uma sociedade extremamente machista, onde mulheres não faziam parte da sociedades. Hodiernamente, a presença feminina já é vista em muitos lugares “de homens” sendo uma pequena vitória, destarte as mulheres negras continuam invisíveis a sociedade em diversos quesitos, principalmente quando o assunto é feminismo negro e racismo. Segundo Conte (2008) “Simone de Beauvoir já afirmava que “a libertação das mulheres será obra delas próprias”. A partir disso, sabemos que há inúmeros desafios para a continuidade da luta em vista da transformação de classe e gênero. As mulheres precisam reaprender o poder, consolidar estratégias para a não aceitação daquilo que as oprime, explora e diminui enquanto sexo feminino e classe trabalhadora.”

O racismo por mais que a sociedade evolua continua intacto no nosso corpo social, uma problemática que faz parte da vida de quase todos os negros, porém práticas racistas são dadas como comum, normal ou brincadeira. A mídia é muito falha quanto a representatividade de mulheres negras principalmente na televisão, o que afeta drasticamente a população negra. O que vemos hoje em dia é a mídia tentando amenizar atos racistas e ao mesmo tempo quando alguém influente sofre esse preconceito a mesma se mostra totalmente contra e ajuda a divulgar tais atrocidades. O que só fortalece como a mídia trabalha somente diante de seus interesses.

O presente artigo tem por objetivo realizar o levantamento do que se conhece sobre a invisibilidade da mulher negra na mídia, a partir das pesquisas já publicadas em uma determinada área. Por meio da análise dos casos apresentados obtêm os resultados.

3 METODOLOGIA

Este artigo tem como metodologia a análise de três casos em que o racismo foi feito a mulheres negras e tiveram uma grande repercussão nas redes sociais e acabou chegando à mídia (televisa), os casos selecionados foram o da Tite (Filha dos atores Giovanna Ewbank e Bruno Gagliasso.), da atriz mundialmente conhecida Taís Araújo e da Miss Brasil 2017 Monalysa Alcântara, sendo as últimas reconhecidas como grande influências para mulheres negras de todas as idades.

O critério de escolha dos casos utilizados foi a maneira em que a mídia trabalhou para a divulgação dos acontecimentos, e como a mesma relatou notícias abordando os temas após a internet viralizar com os fatos acima citados. Também é intenção mostrar como as pessoas se sensibilizam com o racismo quando ele passa na TV e ao verem atos racistas na rua simplesmente ignoram. Tendo como principal referencial o Livro da Djamilia Ribeiro “Quem tem medo do feminismo negro?”, onde foram reunidos diversos dos seus textos já publicados em outros sites.

4 DISCUSSÕES

Por quê o racismo, algo educacionalmente solucionável, parece se agravar no Brasil? A falta de representatividade de afrodescendentes na mídia principalmente a televisiva foi um deles. Silva(2012), aponta três características que faz com que a mídia dissemina a desigualdade entre raças:

a)os discursos são produtores e reprodutores de desigualdades em diferentes eixos (de raça-etnia, gênero e sexualidade, idade, além de classe social ;

b)b) as desigualdades relativas aos bens simbólicos se relacionam de forma complexa e assíncrona com as desigualdades relativas aos bens materiais;

c)na "sociedade moderna" os discursos midiáticos ocupam especial espaço de estruturação das relações de dominação.

As ponderações do Silva (2012) dialoga com uma visão eurocêntrica na formação da mídia brasileira, pois na prática o que ocorre é que há décadas os papéis de protagonistas em filmes, novelas e programas são exercidos por mulheres e homens brancos. São raros casos de negros ocupando espaços de poder a partir de sua identidade e representatividade.

Há algumas décadas emissoras e redes sociais estão buscando, paulatinamente, superar essa condição eurocêntrica incluindo na grade atores, atrizes e apresentadores negros, ainda não é uma maioria , pois se a realidade da mídia fosse reflexo da sociedade brasileira o percentual desses profissionais deveria ser mais que a metade, no entanto a pequena inserção já gera um discurso racista, e quando se trata de uma mulher negra, podemos observar que a fala ou comentários são racistas, misóginos , sexistas e muitas vezes ofensivos. Para a reflexão...como que uma população negra não se reconhece como negra? Quem cooperou a desconstruir ou destruir a imagem dos negros na mídia brasileira?

Diante desse contexto, é possível analisar e ampliar essa reflexão a partir dos três casos:

Caso Tite Gagliasso

O ator Bruno Gagliasso, branco, atuante na emissora Globo de Produções e casado com a também atriz e apresentadora Giovanna Ewbank já trabalhou em diversos filmes e novelas e tem um reconhecimento pelo público nacional. O casal recentemente, adotou uma menina, de pele e cabelo negro, nascida na África conhecida como Tite Gagliasso. Há pouco tempo que a criança vive no Brasil e já reconheceu, bem como seus pais a realidade do preconceito brasileiro que sempre foi considerado velado, mas com o advento das redes sociais, com a ideia de páginas falsas o velado passou a ser preconceito midiático. Em uma postagem no Facebook a autointitulada socialite com o nome fantasia - Day McCarthy, verdadeiro, Dayane Andrade descreve a filha do casal como: “a menina preta que tem o cabelo horrível, de bico de palha e tem o nariz de preto horrível, é uma macaca”. O vídeo ainda se encontra em veiculação no youtube, no seguinte link: <https://www.youtube.com/watch?v=BNRNhNPV23A>

Posterior a essa situação polêmica, os pais da criança entraram na justiça alegando racismo e injúria racial, o caso também teve a adesão de um número significativo de brasileiros que se posicionaram contra a socialite, com os seguintes comentários:

- 1: “essa tá precisando de um belo processo”/ comentado no youtube
- 2: “fogo nos racistas” /comentado no youtube
- 3:”cadeia para essa mulherzinha que não tem o que fazer, ou seja, ganha dinheiro às custas de fofocas e comentários destrutivos. Racismo é crime. / comentado no youtube

Infelizmente, essa não foi a primeira vez em que Day ofendeu alguém em sua rede social, nem que Tite sofreu preconceito. Após toda repercussão que isso gerou a socialite deu um depoimento dizendo que não conseguia não ser racista e que isso era uma doença psicológica e deveria procurar assistência médica. Para Daniela Carasco (2017):

“Racismo não é um transtorno mental; Emiliano de Camargo David, psicólogo clínico, psicanalista e membro do Amma Psique e Negritude, diz não ter a capacidade de avaliar a condição específica de McCarthy, mas garante: “Racismo não é um transtorno mental”. Para ele, o racista não é alguém que está em sofrimento psíquico permanente, apesar de poder viver algum quadro de psicopatologia em algum momento da vida. “Essa associação tem a intenção de descriminalizar o ato. Além disso, ela é perigosa por estar carregada de um duplo preconceito: racial e com os ditos loucos. Isso corrobora a ideia de que o louco é perigoso e inconsequente.””
(CARASCO,2017)

O Caso Titi, é um típico caso de racismo com propagação nacional, os pais fizeram boletim de ocorrência no Rio de Janeiro, pois a prática da Dayane Andrade foi racismo, enquadra-se no código penal como injúria racial, esse delito tem pena de até 5 anos de prisão,

neste caso o trâmite será ainda mais burocrático, visto que a autora do crime é residente no Canadá.

Caso 2 – A miss negra: Monalyssa Alcântara

A história de protagonismo da Monalyssa é um verdadeiro avanço a estrutura do belo no Brasil: jovem de 18 anos, vencedora em um dos concursos mais aclamados pela sociedade, nordestina, negra. Certamente, é uma quebra de paradigmas necessária para a construção de uma imagem da mulher brasileira, mais uma imagem para além do samba ou das curvas, uma imagem onde quem sempre imperou foram mulheres brancas, loiras, olhos claros.

Em harmonia com Djamila Ribeiro “Os olhares condicionados do que é belo e feminino insultam a inteligência de quem vê.” Ser bonita aos olhos da sociedade brasileira é de uma complexidade dicotômica pelo fato de que a mídia produz não retrata a realidade é complicado afinal o bonito de um não é o bonito de outros, um fato recente dessa afirmação foi o caso da Monalyssa Alcântara, sendo a terceira Miss Brasil negra, eleita em 2017 a mulher mais linda do Brasil ficando entre as 10 finalistas do Miss Universo sofreu inúmeros comentários racistas em suas redes sociais sobre sua vitória no concurso. Dentre esses comentários diversos criticando seu cabelo cacheado, seu discurso com sotaque nordestino, uma associação preconceituosa a miss com empregada, prevalecendo a formação da imagem negativa do que é ser “negra” no Brasil quase sempre legitimada pelos papéis em filmes e novelas brasileiras.

Djamila Ribeiro fala sobre o que realmente o racismo é “Algumas pessoas pensam que ser racista é somente matar, destratar com gravidade uma pessoa negra. Racismo é um sistema de opressão que visa negar direitos a um grupo, que cria uma ideologia de opressão a ele.” De maneira análoga, o racismo vai bem além de um “simples comentário” em uma rede social ou pessoalmente, afeta não só a pessoa física que foi atacada mas também a sua ancestralidade sua história, seus esforços. Em declarações às redes sociais a Miss Brasil, Monalyssa Alcântara, postou após o ocorrido que tais comentários não a abalariam muito menos a faria desistir de tal mérito, muito pelo contrário a daria força para lutar mais ainda contra o preconceito e o racismo.

Segue abaixo, imagem de comentário no Twitter:



Caso 3 – “Somos todas Taís Araújo”

O último acontecimento analisado no presente artigo é a chuva de comentários racistas feitos a atriz globalmente conhecida Taís Araújo em suas redes sociais. Taís é atriz, atuante desde a adolescência em emissoras famosas e pela sua eficiência ganhou vários papéis importantes, foi protagonista de muitas novelas, defensora dos direitos das mulheres negras, nomeada em 2017 pela ONU (Organização Nações Unidas) Brasil, sendo também uma das 100 personalidades afrodescendentes mais influentes do mundo. Uma mulher famosa, dotada de conhecimento e de grande influência não está livre do racismo, nem do preconceito por ser mulher e feminista. Em 2015 foi vítima de vários comentários racistas em suas redes sociais, diversos atores e pessoas importantes se mobilizaram e subiram a hashtag “somos todos Taís Araújo”. O alvo foi uma foto postada em seu facebook no ano de 2015, vários comentários denegrindo a sua imagem, sua cor de pele e seu cabelo afro, em outras palavras comentários ferindo sua ancestralidade de forma cruel, que acabaram repercutindo em todo o país. Dito por Djamila Ribeiro em seu texto Uma mulher negra no poder incomoda muita gente, “ Eu já havia percebido que uma mulher negra empoderada incomoda muita gente - basta perceber os olhares e os comentários de algumas pessoas quando veem uma que não se curva às exigências de uma sociedade racista e misógina ”

Segue abaixo os comentários no facebook da atriz:



A atriz pronunciou-se após o ocorrido: “ absolutamente tudo está registrado e será enviado à polícia federal. E eu não vou apagar nenhum desses comentários. Faço questão que todos sintam o mesmo que senti: a vergonha de ainda ter gente covarde e pequena nesse país, além do sentimento de pena dessa gente tão pobre de espírito. Não vou me intimidar, tampouco abaixar a cabeça. Sigo o que sei fazer de melhor: trabalhar. Se a minha imagem ou a imagem da minha família te incomoda, o problema é exclusivamente seu!”, escreveu a atriz. Leia mais: <https://oglobo.globo.com/rio/tais-araujo-vitima-de-racismo-em-rede-social-17940756#ixzz5OXKTvTQ0>.

Como se isso já não bastasse em 2017 após sua palestra na (*Technology, Entertainment, Design*) TEDxSãoPaulo com o título “Como criar crianças doces num país ácido”, disponível no canal oficial da Tedx Talks, foi atacada novamente por uma série de comentários racistas e isso não foi tudo, diversos memes usando suas falas utilizadas em sua palestra foram compartilhados, como de se esperar Taís Araújo não se calou. Uma frase que representa bem isso é da Djamila Ribeiro “Não vamos nos calar diante desses absurdos, de um país onde vítimas viram algoz.” Percebe-se que cada dia que passa os negros tentam ser encobertos pela sociedade opressora a fim de transparecer a verdadeira realidade da questão dos negros e negras do Brasil, principalmente os que lutam por igualdade.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As redes sociais são de suma importância para o transporte de informações, e diversas delas são usados para o compartilhamento de fotos e até mesmo da vida pessoal, ou seja são importantes, contudo, o racismo na internet pode ser maior e mais grave do que “na vida real”. Gerando cada vez mais polêmicas pelos “haters” ou por pessoas que não tem senso e “falam o que vem à cabeça”, trazendo a tona o desejo de que tais sejam banidos da internet, ou simplesmente punidos pelos seus atos.

Observa-se que a maioria dos atos de racismos que chegarão a televisão foram publicados anteriormente em algum jornal, ou ocasionaram uma grande repercussão nas redes sociais ou foram feitos a pessoas famosas e conhecidas “dignas de atenção” até porque como a sociedade impõe cargos altos não são para mulheres, muito menos negras, como dito por Djamila Ribeiro “Eu já havia percebido que uma mulher negra empoderada incomoda muita gente – basta perceber os olhares e os comentários de algumas pessoas quando vêem uma que não se curva às exigências de uma sociedade racista e misógina.” É indubitável como a questão da falta de representatividade negra na mídia está ligada ao racismo, e a não aceitação das mesmas.

O presente artigo mostrou de forma clara como as pessoas mobilizam-se com o racismo que passa na TV, mas não deixam de fazer piadas usando negros como uma frase queridinha muito utilizada “Isso é coisa de preto/nego”, nem de assistir aquele canal que faz diversos comentários racistas que viralizam na internet. A questão que temos hoje é que ninguém nasce racista mas temos uma mídia, um mercado de trabalho entre outras coisas eurocentrados o que dificulta a aceitação das mulheres negras. O que precisamos é de mais representatividade das mesmas em vários tipos de trabalhos, apresentando programas de TV, fazendo comerciais de shampoo, de margarina etc. Como já sabemos o Brasil mesmo que miscigenado tem um índice de preconceito altíssimo, desde a sua colonização o país já era racista, o que só dificulta a diminuição dessa problemática.

REFERÊNCIAS

A invisibilidade feminina Disponível em: <https://diplomatie.org.br/a-invisibilidade-feminina/>>. Acesso em 14.agost.2018.

Como criar crianças doces em um país ácido Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=H2Io3y98FV4&t=17s>>. Acesso em 18.agost,2018.

Dossiê Violência Contra as Mulheres: Mapa da Violência 2015 Disponível em:

<http://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/violencia/pesquisa/mapa-da-violencia-2015-homicidio-de-mulheres-no-brasil-flacsoopas-omsonu-mulheresspm-2015/>>. Acesso em 14 agosto.2018.

Mulheres Negras na Mídia: Onde Estão? Disponível em:

<https://coletivonisiafloresta.wordpress.com/2016/07/25/mulheres-negras-na-midiaonde-estao/>>. Acesso em 14 agosto.2018.

O caso de Titi Gagliasso e Day McCarthy - e por que racismo não é doença 2017 Disponível em: <https://universa.uol.com.br/noticias/redacao/2017/12/18/o-caso-day-mccarthy-e-porque-racismo-nao-e-doenca.htm/>> Acesso em 15.agosto.2018.

RIBEIRO, Djamilia *Quem tem medo do feminismo negro* 1.ed São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SILVA, Paulo Vinícius Baptista da; ROCHA, Neli Gomes da and SANTOS, Wellington Oliveira dos.Negras(os) e brancas(os) em publicidades de jornais paranaenses.*Intercom, Rev. Bras. Ciênc. Comun.* [online]. 2012, vol.35, n.2, pp.149-168. ISSN 1809-5844.
<http://dx.doi.org/10.1590/S1809-58442012000200008>.

Taís Araújo é vítima de racismo em rede social Disponível em:

<https://oglobo.globo.com/rio/tais-araujo-vitima-de-racismo-em-rede-social-17940756#ixzz5OXXKtVtQ0>. >. Acesso em 18.agost.2018.

TEDESCHI, Losandro Antônio. O ensino da história e a invisibilidade da mulher. **Revista Ártemis**, n. 4, 2006.



CIÊNCIA PARA A REDUÇÃO DAS DESIGUALDADES

CAMPUS PALMAS